

RESSALVA

Atendendo solicitação do autor(a),
o texto completo deste trabalho
será disponibilizado somente
a partir de
07/02/2027

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS – CAMPUS DE ASSIS**

TAINÁ CRISTINA DIAS SANTOS DO CARMO

EM DIREÇÃO A UMA CLÍNICA POLÍTICA COM MULHERES NEGRAS:
processos psicossociais de autorrecuperação pelo olhar dos feminismos negros

Assis
2025

TAINÁ CRISTINA DIAS SANTOS DO CARMO

EM DIREÇÃO A UMA CLÍNICA POLÍTICA COM MULHERES NEGRAS:
processos psicossociais de autorrecuperação pelo olhar dos feminismos negros

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador(a): Dolores Cristina Gomes Galindo

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) código de financiamento 001

Assis
2025

C287d

Carmo, Tainá Cristina Dias Santos do

Em direção a uma clínica política com mulheres negras : processos psicossociais de autorrecuperação pelo olhar dos feminismos negros / Tainá Cristina Dias Santos do Carmo. -- Assis, 2025

103 p. : tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis

Orientadora: Dolores Cristina Gomes Galindo

1. Psicologia social. 2. Mulheres negras. 3. Clínica política. I. Título.

TAINÁ CRISTINA DIAS SANTOS DO CARMO

EM DIREÇÃO A UMA CLÍNICA POLÍTICA COM MULHERES NEGRAS:
processos psicossociais de autorrecuperação pelo olhar dos feminismos negros

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração:

Data da defesa: 07/02/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Dolores Cristina Gomes Galindo
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras- Campus de Assis

Prof. Dr. Paulo Vitor Palma Navasconi
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras- Campus de Assis

Prof. Dr. Helena Cosma da Graça Fonseca Veloso
Universidade Católica da Angola

Prof. Dr. Zizele Ferreira dos Santos
UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Morgana Moreira Moura
Labtecc/UFMT

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE TAINÁ CRISTINA DIAS SANTOS DO CARMO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 07 dias do mês de fevereiro do ano de 2025, às 15h30min, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de TAINÁ CRISTINA DIAS SANTOS DO CARMO, intitulada **EM DIREÇÃO A UMA CLÍNICA POLÍTICA COM MULHERES NEGRAS: processos psicossociais de autorrecuperação pelo olhar dos feminismos negros**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. DOLORES CRISTINA GOMES GALINDO (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) UNESP/Assis, Prof. Dr. PAULO VITOR PALMA NAVASCONI (Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL - Assis, Profa. Dra. HELENA COSMA DA GRAÇA FONSECA VELOSO (Participação Virtual) do(a) Universidade Católica de Angola (UCAN). Após a exposição pela mestrande e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. DOLORES CRISTINA GOMES GALINDO

Aos meus pais, que construíram as estruturas,
bloco a bloco, com todo o esforço e carinho. A
Samanta, que abriu as portas; Gustavo, que as
redimensionou e coloriu; e Sabrina, que as
decorou de um jeito único, dedico-lhes meu
sucesso e existência.

A Thiago, meu grande amor, pelo incentivo e
parceria.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, ao qual agradeço profundamente, pela viabilização desta oportunidade.

Agradeço à minha família, que, contrariando todas as adversidades e dificuldades, sempre foi uma comunidade unida e comprometida com a ética amorosa. Sob muito sol, foi ela que proporcionou minha chegada até aqui, à sombra.

Ao meu pai, Luiz Carlos, que leu e dramatizou histórias durante minha infância e, antes que eu pudesse ler, me encantou com o poder das palavras e narrativas. Um grande homem que tenho a imensa felicidade de ter como referência de amor, gentileza e fortaleza.

À minha mãe, Elizonete, que nas férias do trabalho se dedicava a projetos comigo, como a construção de uma caixa de livros feita de canudos de jornal envernizado, para guardar as primeiras histórias que me marcaram e fizeram com que eu me apaixonasse pela leitura. A mulher mais forte que conheço, que, com muito cuidado e amor, me ensina a sorrir para a vida diariamente.

À minha irmã Samanta, que me ensinou grande parte do que sei, desde escovar os dentes até a disciplina nos estudos. Meu primeiro grande exemplo de coragem para alçar voos e concretizar sonhos.

Ao meu irmão, Gustavo, que me ensinou desde pequena que a vida também poderia ser leve, com quem aprendi desde a paixão pela música até a ousadia para conduzir a vida com autonomia e confiança; meu grande exemplo de sucesso.

À minha irmã Sabrina, meu maior exemplo de parceria, desde pequena ao meu lado, que sempre me ouviu e incentivou, com quem aprendo sobre cuidado, afeto e autenticidade diariamente.

Ao meu amor e companheiro de vida, Thiago, que desde o começo enxergou em mim a potencialidade que eu tinha medo de abraçar. Com muito afeto e companheirismo, mudou o meu mundo e desde então nos aventuramos juntos, com muita felicidade, pela jornada da vida.

À minha orientadora, Dolores Galindo, que sempre acreditou em meu potencial, com quem aprendi e aprendo muito, grande referência e parceria, sempre muito cuidadosa, me faz olhar para a trajetória acadêmica como uma realidade, e não mais um sonho.

Às minhas professoras da graduação Ana Rita e Rafaela Rocha, que foram essenciais na construção do meu trabalho de conclusão de curso e, com muito cuidado e carinho, fizeram com que eu acreditasse e alcançasse meu potencial.

Ao Paulo Navasconi, que foi supervisor do estágio docência e carinhosamente me proporcionou muita segurança para minha primeira experiência em sala de aula, outra grande referência de que a vivência na academia é possível.

Aos coletivos que tive o prazer de integrar, agradeço por terem me proporcionado o contato com tantas pessoas e saberes imprescindíveis para que eu chegasse aqui hoje e escolhesse esta trajetória.

Às minhas amigas e amigos, especialmente Duda, Otávio, Lari, Maria, Pedro, Isa e Haimy, grandes amores, irmãs e irmãos que a vida me deu, que estiveram ao meu lado incansavelmente nesta jornada.

Às minhas avós, Catarina e Cindolina, mulheres fortes e grandes matriarcas, as quais me ensinaram sobre a vida e força que nós, mulheres, podemos ser.

Aos meus avôs, Agostinho e Alcino, que em seus contextos fizeram o que era possível para criar suas famílias.

Às minhas pacientes, mulheres queridas e corajosas, que me ensinam sobre a vida e me inspiram a continuar.

Aos psicólogos Luiz e Michele, que me acompanharam, cada um em um momento da vida, e ambos foram cruciais para que eu pudesse ter coragem de existir como sou.

Agradeço também a mim, pela coragem de superar os medos, pelos dias incansáveis de leituras e de escritas, por seguir meus sonhos e nunca desistir da luta antirracista, feminista e pela justiça social.

“Não há cura pelo silêncio.”

(hooks, 2023, p. 34)

RESUMO

Esta dissertação propõe a clínica política com mulheres negras como estratégia psicossocial de autorrecuperação, articulando práticas clínicas e narrativas ficcionais fundamentadas nos feminismos negros. O objetivo central é discutir estratégias psicossociais de cuidado e resistência, destacando a importância da Psicologia como campo de promoção de autonomia, dignidade e transformação para mulheres negras em um contexto de opressões estruturais. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e utiliza narrativas ficcionais baseadas em casos clínicos como metodologia para ilustrar práticas e vivências que exemplificam os desafios e potências da clínica política. Inspirada pela ética amorosa de bell hooks e por práticas decoloniais, a pesquisa propõe uma Psicologia comprometida com a escuta cuidadosa, a validação de subjetividades e a desconstrução de estereótipos. As histórias ficcionais de Estela, Ana, Rosa e Carla mostram como mulheres negras constroem estratégias para lidar com as opressões sistêmicas e ressignificar suas histórias. Nas considerações finais, destaca-se a clínica política como prática transformadora ao concluir reafirmando o potencial da Psicologia, alinhada aos feminismos negros, em promover práticas que sustentem vidas dignas, criem brechas de existência plena e fortaleçam as resistências de mulheres negras contra as imposições sistêmicas.

Palavras-chave: feminismos negros; clínica política; cuidado; mulheres negras.

ABSTRACT

This dissertation proposes political clinical practice with Black women as a psychosocial strategy for self-recovery, articulating clinical practices and fictional narratives grounded in Black feminisms. The central objective is to discuss psychosocial strategies for care and resistance, highlighting the importance of Psychology as a field for promoting autonomy, dignity, and transformation for Black women in a context of structural oppressions. The research adopts a qualitative approach and uses fictional narratives based on clinical cases as a methodology to illustrate practices and experiences that exemplify the challenges and potentials of political clinical practice. Inspired by bell hooks' loving ethics and decolonial practices, the research proposes a Psychology committed to attentive listening, the validation of subjectivities, and the deconstruction of stereotypes. The fictional stories of Estela, Ana, Rosa, and Carla show how Black women build strategies to cope with systemic oppressions and reframe their stories. In the final considerations, political clinical practice is emphasized as a transformative practice, concluding by reaffirming the potential of Psychology, aligned with Black feminisms, to promote practices that sustain dignified lives, create spaces for full existence, and strengthen the resistances of Black women against systemic impositions.

Keywords: black feminisms; political clinical practices; care; black women.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Fotografia da autora quando criança 24
- Figura 2: Crianças choram no enterro do adolescente Thiago Menezes, de 13 anos, morto em agosto de 2023 após ser alvejado por tiro de fuzil, na Cidade de Deus, Rio de Janeiro/RJ. 52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplo de ficcionalização	36
Quadro 2 – Ficcionalização na história de Estela	70
Quadro 3 – Ficcionalização na história de Ana	77
Quadro 4 – Ficcionalização na história de Rosa	84
Quadro 5 – Ficcionalização na história de Carla	93

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: ENTRELAÇAMENTOS ENTRE CLÍNICA POLÍTICA E ESCRITA	12
2	DA CLÍNICA POLÍTICA COM MULHERES NEGRAS DESDE OS FEMINISMOS NEGROS COMO PROPOSIÇÃO	15
2.1	Clínica com mulheres negras: revisão da literatura no contexto brasileiro	16
2.2	A “escrita de nós” como prática de escrita na clínica política	18
2.3	Clínica política como estratégia de autorrecuperação para mulheres negras	21
2.4	A biografia da autora como “forasteira de dentro”: um dispositivo da clínica política	23
3	DA FICCIONALIZAÇÃO NARRATIVA COMO MÉTODO: UMA RELEITURA SOB A PERSPECTIVA DOS FEMINISMOS NEGROS	30
3.1	Da ficcionalização narrativa desde a releitura dos feminismos negros radicais	33
3.2	De como é operada a ficcionalização narrativa na clínica política com mulheres negras	34
4	EM DIREÇÃO A UMA PRÁTICA DA CLÍNICA POLÍTICA COM MULHERES NEGRAS	37
4.1	Da Clínica política com mulheres negras	38
4.2	Mulheres negras e o cuidado	43
4.3	Autorrecuperação para mulheres negras	51
4.4	Quem são as mulheres negras que acessam a clínica política nesta pesquisa?	55
5	NARRATIVAS FICCIONAIS NA CLÍNICA POLÍTICA COM MULHERES NEGRAS	63
5.1	A solidão da sereia: Reconhecimento, acolhimento e pertencimento com Estela	65
5.2	Os acelerados tentáculos de Ana: politização das dores	71
5.3	Entre as profundezas e a superfície: nomeação da situação/vivência a partir do letramento racial – deslocamento com Rosa	78
5.4	Encontros agendados: dororidade	84
5.5	Com a Carla e a coragem: construção de novas narrativas	86
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
	REFERÊNCIAS	98

1 INTRODUÇÃO: ENTRELAÇAMENTOS ENTRE CLÍNICA POLÍTICA E ESCRITA

A presente dissertação tem como objetivo propor a clínica política com mulheres negras como estratégia psicossocial de autorrecuperação, entrelaçando prática clínica e escrita por meio do uso de narrativas ficcionais. A intenção é discutir as estratégias psicossociais de autorrecuperação no contexto dessa abordagem clínica, com o propósito de contribuir com os campos reflexivos dos feminismos negros e da Psicologia. Essa escolha reflete um caminho que começou na minha pré-adolescência, quando decidi, aos 12 anos, que queria ser psicóloga.

Aquela altura, não sabia exatamente o motivo dessa escolha, mas me lembro de ter algo a ver com a possibilidade de ajudar as pessoas a resolverem seus problemas e ficarem bem – uma concepção simplista, porém condizente com meu conhecimento de mundo naquele momento. Desde então, eu afirmava convicta que essa seria minha profissão. Hoje, ao revisitar essa memória, percebo que esse desejo era, em parte, uma forma de cuidado, em um exercício que não reencenava a subalternidade, algo que sempre foi muito pontuado em minha educação familiar, que me ensinou que poderíamos ser o que e quem quiséssemos.

Naquela época, imaginava um futuro no qual eu teria um consultório físico, usaria uma saia longa esvoaçante e uma camisa social, sentaria em minha poltrona em frente a um sofá aconchegante, conversaria e escutaria alguém por certo tempo. A adolescente que fui não era capaz de pensar sobre o quão difícil isso poderia ser, ou o quanto os conteúdos trazidos pelos ocupantes do sofá aconchegante poderiam ser complexos e me atravessar, inclusive impactando minha existência. Minha concepção de fazer clínico era completamente influenciada pela educação formal eurocentrada, que pensava no sujeito descontextualizado, de modo que eu imaginava que minha atuação se encerraria no tempo de sessão, esgotando-se naquela sala.

No processo de entender e sistematizar minha maneira de atuar como psicóloga clínica, experimentei muitos sentimentos, inclusive o peso da desromantização da profissão, uma vez que atuar na linha de frente de promoção à saúde mental de pessoas que pertencem aos grupos que são sistematicamente desumanizados, como as mulheres negras, muitas vezes, nos projeta em cenários estarrecedores, com complexidades políticas que impedem que essas pessoas simplesmente fiquem bem.

Foi a partir da leitura dos feminismos negros, a exemplo de bell hooks, que pude desabrochar a sensibilidade de olhar para essas histórias para além da dor e da recorrente violação de direitos. Esse aprofundamento permitiu que eu me posicionasse a partir de uma lógica decolonial também na prática clínica. Trabalhar com mulheres negras requer a desconstrução de estereótipos e prisões em papéis subservientes e passivos, promovendo o protagonismo dessas mulheres enquanto sujeitos dignos e autônomos.

Na prática clínica, oferecer escuta atenta, empatia e cuidado cria espaços seguros para que mulheres negras possam refletir e se despir de amarras, em encontros marcados pelas afetações recíprocas, dadas a dinamicidade e potência dos encontros cuidados. Embora o sofrimento muitas vezes as acompanhe, ele não as define por completo. Por isso, a clínica política precisa reconhecer as singularidades e subjetividades dessas mulheres, evitando essencializações. Como afirma hooks (2023, p. 11), “não somos um bloco homogêneo e amorfo, sobre o qual recaem as violências desse sofisticado sistema de opressão em que vivemos. E a insistência de nos colocar nesse lugar nos adoece naquilo que temos de intransferível: Nossa subjetividade”.

Tomo por política não as práticas de sujeição ancoradas e validadas por um sistema díspar que engendra desigualdades sociais e autoriza exclusões e opressões, mas a possibilidade e o esforço em pensar em desconformidade com o sistema vigente de preconceitos e desigualdades (Lemos *et al.*, 2015). A política aqui empregada visa tensionar as estruturas do senso comum e da falta de ética, lembrando a essencial luta pela promoção de existências dignas.

No que concerne ao cuidado, utilizo-o como norteador de formas de ser e estar no mundo, que são construídas com base no compromisso com a coexistência respeitosa, solidária e consciente. Nesse sentido, a noção de cuidado vai além da atenção e do zelo, compreendendo as práticas de respeito mútuo nas relações e disposição para aprender com o outro e com suas experiências (hooks, 2021a).

Este texto dissertativo inicia-se com reflexões sobre a importância das construções insurgentes, que viabilizam a autonomia e os saberes de mulheres negras, por meio das escritas em produções acadêmicas e da clínica política, inclusive trazendo uma breve trajetória biográfica minha. Em seguida, discuto a conceituação e a aplicação da clínica política realizada com mulheres negras, alinhando essas práticas à minha experiência pessoal e profissional: mulheres negras nas ciências, autorrecuperação, clínica política, feminismos negros, cuidado.

Com base nas contribuições teóricas de bell hooks, abordo como o cuidado permeia as existências negras e analiso a clínica política como uma prática de encontro cuidadoso. Exploro os múltiplos significados do conceito de autorrecuperação (bell hooks, 2023) e os caminhos que levaram aos encontros com as mulheres negras atendidas na clínica política.

Em seguida, apresento estratégias psicossociais de autorrecuperação, ilustradas por narrativas ficcionais de casos clínicos, que sistematizam as práticas utilizadas na construção de uma clínica política que se propõe cuidadosa e transformadora.

Por fim, nas considerações finais, discuto como as narrativas ficcionalizadas de Estela, Ana, Rosa e Carla, entrelaçadas com minha trajetória pessoal e acadêmica, ilustram os desafios e as potências da clínica política como prática transformadora. Retomando o impacto geracional das lutas feministas e antirracistas, destaco como a Psicologia, alinhada aos feminismos negros, pode contribuir para a autorrecuperação e o fortalecimento de mulheres negras. As histórias apresentadas evidenciam que, mesmo diante das opressões sistêmicas, as práticas de cuidado, resistência e ressignificação têm o poder de criar brechas de existência plena.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Eles combinaram de nos matar, mas a gente combinamos de não morrer.”
(Conceição Evaristo, *Olhos d'Água*)

Minha trajetória educacional – treze anos de escola, dois de cursinho pré-vestibular, cinco de graduação, um de pós-graduação *lato sensu* e dois de pós-graduação *stricto sensu*, totalizando vinte e três anos – ilustra um dado preocupante. Durante esse tempo, fui ensinada por apenas seis professores negros, três homens e três mulheres. Esse número, ainda que pequeno, contrasta com a relevância que cada um deles teve em minha formação, reafirmando a importância da representatividade nesses espaços.

Essas vivências encontram eco nas histórias ficcionalizadas de Estela, Ana, Rosa e Carla, que refletem, de diferentes maneiras, os desafios e as potências de ser uma mulher negra em contextos diversos. Estela, com uma vivência marcada pela introjeção da culpa e do auto-ódio, evidencia os impactos mais profundos de uma sociedade estruturada em racismo. Sua luta não é apenas por dignidade, mas também por autorrecuperação, mostrando que as raízes da opressão muitas vezes se internalizam e se confundem com a própria subjetividade. Ana, com sua energia vibrante e paixão pelas artes, ressignifica os espaços culturais, mas também revela os limites que o sistema impõe, inclusive sobre a própria saúde emocional, ao perpetuar o mito da fortaleza da mulher negra.

Rosa, com seus trinta e poucos anos, carrega as marcas de uma infância e juventude atravessadas por violências e exclusões que continuam a impactar sua vida adulta. Sua história demonstra como a solidão e o cansaço podem ser intensificados por um sistema que desumaniza mulheres negras, mas também como a mobilização coletiva e o contato com movimentos feministas têm potencial de oferecer brechas de acolhimento e possibilidade de reconstrução. Já Carla, a mais jovem das personagens, é um exemplo vivo das transformações trazidas pelas lutas feministas e pela disseminação de discussões sobre raça e gênero, impulsionadas especialmente pelas redes sociais. Seu contato precoce com essas pautas, aliado à maior disseminação de conhecimentos feministas, coloca-a como forasteira de dentro (Collins, 2016), em um lugar onde a luta não é apenas por sobrevivência, mas também por ocupação e transformação dos espaços acadêmicos e sociais.

Ao analisar essas narrativas, é possível perceber uma correlação geracional entre as possibilidades de autorrecuperação e as condições sociais de cada personagem. Estela e Rosa, em virtude de suas faixas etárias e do contexto em que cresceram, tiveram menos

acesso às discussões sobre feminismos negros e justiça social em suas juventudes, precisando, muitas vezes, enfrentar suas dores de forma mais solitária. Por outro lado, Carla, enquanto jovem inserida em um momento histórico em que debates sobre raça e gênero são amplificados pelas redes sociais e pela presença de intelectuais negras na academia, beneficia-se de avanços coletivos que possibilitam maior articulação e resistência. Essa diferença geracional não apenas evidencia os impactos das conquistas recentes, mas também ressalta a importância de consolidá-las para que futuras gerações tenham ainda mais ferramentas para resistir.

O movimento de subverter as lógicas dominantes abre caminhos transformadores. É o que ocorre no contexto acadêmico, a partir da difusão dos estudos de mulheres negras nas ciências, do aprofundamento dos feminismos negros, das escritas biográficas e da exposição de pensamentos, pesquisas, teorias, metodologias e práticas. Essas ações possibilitam uma revisão profunda da cosmovisão vigente e promovem mudanças nos cenários acadêmicos, científicos e profissionais de diversas áreas do conhecimento. A mobilização é urgente, pois, mesmo em tempos contemporâneos, a colonialidade do saber ainda permeia os diversos eixos do conhecimento, tanto em relação ao que é disseminado quanto em relação a quem ocupa os espaços de produção e transmissão desse saber, como cientistas, pesquisadores e professores acadêmicos.

Embora a branquitude cis-heteropatriarcal que domina as instituições frequentemente ignore os impactos da exclusão e da desvalorização da intelectualidade negra, o ingresso de pessoas negras nesses espaços tem promovido transformações significativas. Essas mudanças não se limitam à denúncia de desigualdades, mas também incluem a formulação de novas teorias e práticas, como as que vêm sendo construídas na Psicologia por meio da clínica política e nos feminismos negros.

A clínica política, enquanto proposta, tem como objetivo não apenas acolher os sujeitos em sua singularidade, mas também romper com as lógicas hegemônicas de controle e opressão. Nesse campo, o compromisso é com uma Psicologia antirracista, anticolonialista e antissexista, alinhada à justiça social. Por meio da prática da ética do cuidado e da busca por comunhão, a clínica política se opõe aos valores coloniais que historicamente pautaram a prática psicológica – eurocentrada –, criando espaços que validam vidas e narrativas que foram silenciadas ou marginalizadas. Dito de outro modo, a clínica política não apenas valida as narrativas de mulheres negras, mas também oferece espaço para a construção de autonomia, autoestima e cuidado mútuo. Ela permite que as vozes dessas mulheres sejam

ouvidas e amplificadas, trazendo à tona o potencial de suas histórias como ferramentas de resistência.

Nesse contexto, torna-se imperativo diversificar os estudos sobre raça e gênero na Psicologia. Não basta apenas denunciar as violações de direitos; é preciso ampliar e valorizar os pensamentos, teorias e contribuições das mulheres negras. Somos teóricas, cientistas e pensadoras que produzem conhecimento relevante, e processos como a autorrecuperação permitem o fortalecimento de nossas vozes e de nossas perspectivas em diferentes áreas do saber.

A prática da ética amorosa, descrita por bell hooks (2021b), é fundamental nesse processo. O cuidado, o compromisso e o respeito são pilares que tornam possível uma escuta que não só valida a existência do outro, mas também autoriza sua expressão em um mundo que historicamente negou espaço às subjetividades negras. Se, para Kilomba (2008), o ato de ouvir é uma autorização ao falante, assim, acrescento que, quando ouvimos por meio da ética amorosa na clínica, autorizamos não apenas a fala, como também a existência daquele sujeito, não no sentido autoritário e controlador, mas no que tange à concessão de espaço para o outro ser, porque suas vidas e falas também são importantes.

Historicamente, as mulheres negras foram silenciadas, e isso ainda persiste em diversas esferas. Oferecer a elas um espaço para ouvir a si mesmas e compreender suas próprias vozes, seus pensamentos e angústias, norteadas por psicólogas comprometidas com a justiça social, é uma forma potente de promover autonomia, autoestima e cuidado mútuo. A clínica política, nesse sentido, constitui um espaço essencial para a autorrecuperação e o fortalecimento psíquico.

Como aponta Veiga (2021), a clínica com pessoas negras enfrenta um paradoxo: não é possível extinguir o racismo de imediato, mas tampouco somos totalmente capturadas por ele. Nesse espaço de tensão, emergem possibilidades de resistência. Mulheres negras podem, por meio da clínica, construir ferramentas para estabelecer limites, exercer autonomia e desafiar as imposições do sistema opressor. Essa prática não elimina as estruturas, mas abre nelas fissuras, permitindo que essas mulheres ocupem as brechas e atribuam novos significados às suas experiências.

A potência da clínica política e das trocas nas relações acadêmicas e sociais está em desafiar as estruturas do pacto da branquitude e promover mudanças incontornáveis. Ao fazer ecoar as vozes de mulheres negras que vieram antes de nós, assim como nossas próprias vozes, resistimos ao silenciamento e à desmobilização que o racismo tenta impor. Como Lorde (2019) afirma: “Não sou livre enquanto qualquer outra mulher for prisioneira, ainda

que as amarras dela sejam diferentes das minhas. E não sou livre enquanto uma pessoa de cor permanecer acorrentada. Nem é livre nenhuma de vocês”. Nesse sentido, as vidas de Estela, Ana, Rosa e Carla se tornam parte de um movimento maior.

REFERÊNCIAS

- BREWER, Rose M. Black radical theory and practice: Gender, race, and class. **Socialism and Democracy**, v. 17, n. 1, p. 109-122, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08854300308428344>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- BUENO, Winnie de Campos. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro**: uma possibilidade de leitura da obra *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment* (2009) a partir do conceito de imagens de controle. Dissertação (Mestrado em Direito) – Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan.-abr. 2016.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Trad. Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- COSTA, José Luiz Pereira da. Rotas e cruzamentos. In: HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe**: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Trad. José Luiz Pereira da Costa. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska M. Loyola. Saúde mental e racismo contra negros: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 3, p. 450-464, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-37030003262017>. Acesso em: 21 dez. 2024.
- DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. Vidas negras: pensamento radical e pretitude. In: SPILLERS H. J. *et al.* **Pensamento negro radical**: antologia de ensaios. São Paulo: Crocodilo, 2021.
- DUTRA, Guilherme Pessoa. A construção do negro enquanto um não-ser na modernidade: a fábrica de sujeitos raciais e suas implicações para as engrenagens do capitalismo no ontem e no hoje. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 14, n. 2, p. 107-130, ago. 2022.
- ÉPOCA NEGÓCIOS ONLINE. Jornal inglês coloca Alphaville (SP) entre os 10 maiores muros do mundo. 2014. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Visao/noticia/2013/11/jornal-ingles-coloca-alphaville-sp-entre-os-10-maiores-muros-do-mundo.html>. Acesso em: 15 ago. 2024.
- ESPOSITO, Roberto. **Communitas – origine e destino della comunità**. Torino: Einaudi, 1998.
- EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo**: a escrevivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira. [Entrevista cedida à] Mornani Guzzo. Portal Catarinas, 2021. Disponível

em:

<https://catarinas.info/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstroi-a-historia-brasileira/>. Acesso em: 2 out. 2024.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato de Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Carolina C.; BARBOSA, Ingrid C.; CARMO, Tainá C. D. S. **Roda Terapêutica das Pretas**: um cuidado em saúde ético-clínico-político para mulheres negras. Cinco anos criando nossa própria utopia. 2021. Disponível em: https://issuu.com/rodaterapeuticasdasp Pretas/docs/revista_rtp. Acesso em: 4 dez. 2024.

FERREIRA, Lorena Ribeiro. Engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas: reflexões acerca da afetividade e solidão da mulher negra. **Darandina Revista Eletrônica**, Programa de Pós-graduação em letras - Estudos literários, UFJF, v. 11, n. 2, 2018.

GALINDO, Dolores; MARTINS, Mario; RODRIGUES, Renata Vilela. Jogos de armar: narrativas como modo de articulação de múltiplas fontes no cotidiano da pesquisa. In: SPINK, M. J. P. *et al.* **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2014. p. 296-322.

GALINDO, Dolores; RAMOS, Naryanne; GOIS, Douglas. “Sou porque a história é...”: objetividade, imaginação e apelo à transparência. In: OLIVEIRA, Luiza Rodrigues; SILVA, Aline Gomes; PENNA, William Pereira. **Epistemes negras**: oralidades, subjetividades e corporeidades em escrita. Rio de Janeiro. Via Verita, 2023. p. 280-295.

GOIS, Douglas Santos; GALINDO, Dolores Cristina Gomes. Aparições do corpo negro: arte, vestígios e imaginação política. In: GALINDO, Dolores Cristina Gomes; NAVASCONI, Paulo Vitor Palma (Org.). **Processos psicossociais e de subjetivação na contemporaneidade**: implicações políticas, éticas e estéticas. Gradus Editora, 2024.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>. Acesso em: 23 dez. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GOUVEIA, Marizete; ZANELLO, Valeska. Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras. **Psicologia em Estudo**, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v24i0.42738>. Acesso em: 19 ago. 2024.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe**: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Trad. José Luiz Pereira da Costa. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Copos**, v. 23, n. 3, 2020. DOI: 10.29146/eco-pos.v23i3.27640.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos**: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras**. Trad. Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?**: mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1981/2019a.

HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 1992/2019b.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019c.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. Trad. Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021a.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2000/2021b.

HOOKS, bell. **Escrever além da raça**: teoria e prática. Trad. Jess Oliveira. São Paulo: Elefante, 2022.

HOOKS, bell. **Irmãs do iname**: mulheres negras e autorrecuperação. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

IPEA; FBSP. **Atlas da Violência 2024**. Rio de Janeiro: Ipea, 2024. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/7868-atlas-violencia-2024-v11.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2008.

LE MOS, Flávia Cristina Silveira *et al.* Clínica-política: coragem da verdade e crítica às democracias atuais. In: LEMOS, F. C. S. *et al.* (Org.). **Psicologia social, direitos humanos e história**: transversalizando acontecimentos do presente. Curitiba: CRV, 2015. p. 21-36.

LIMA, Edailza Maria Pereira. **Grupo de Percussão Popular da UFPB**: práticas de ensino coletivo de percussão popular em um grupo heterogêneo. Monografia (Licenciatura em Música), Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/24255/1/EMPL08082022.pdf>. Acesso em 25 dez. 2024.

LIMA, Fátima. Trauma, colonialidade e a sociogenia em Frantz Fanon: os estudos da subjetividade na encruzilhada. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 72, n. spe, p. 80-93, 2020. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000300007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 dez. 2024.

LIMA, Fátima; OLIVEIRA, Luiza Rodrigues; SANTOS, Abrahão de Oliveira. A sociogenia fanoniana e a formação em Psicologia: uma aposta clínica política e negra. **Psicologia & Sociedade**, v. 35, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v35e277053>. Acesso em 19 ago. 2024.

LOPES, Renato Luis Barros; RIBEIRO, Luis Claudio; OLIVEIRA, Deise Moura de. A saúde promovida por redes sociais e comunitárias de mulheres de baixa renda. **Cadernos de Saúde Pública** [online], v. 39, n. 7. Acesso em: 12 nov. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT218022>.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Trad. Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LOSICER, Eduardo. Prefácio. In: FRANÇOZO, Olívia Morgado. **Clínica política: a experiência do Centro de Estudos em Reparação Psíquica Lá em Acari**. 1. ed. Rio de Janeiro: Equipe Clínico Política / Instituto de Estudos da Religião (ISER), 2018. Disponível em: https://www.iser.org.br/wp-content/uploads/2020/08/clinicapolitica_livro_20set.pdf. Acesso em: 5 dez. 2024.

MARCINIK, Geórgia Grube; MATTOS, Amanda Rocha. ‘Mais branca que eu?’: uma análise interseccional da branquitude nos feminismos. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n161749>. Acesso em: 14 jul. 2024.

MEDEIROS, Marlene Pereira da Silva. **Capoeira: da marginalização à reafirmação identitária**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Curso de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira), Departamento de História do Ceres, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/44333/2/CapoeiraDaMarginalizacaoReafirmacao_Medeiros_2016.pdf. Acesso em: 26 dez. 2024.

MELO, André; RODRIGUES, Mariana. Impactos da implementação do Auxílio Emergencial para a população negra. **Revista Cadernos de Campo**, Araraquara, v. 23, n. 00, e023003, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/18236/16116>. Acesso em: 29 dez. 2024.

MENEZES, Jaileila Araújo; LINS, Saiane Silva; SAMPAIO, Juliana Vieira. Provocações pós-coloniais à formação em psicologia. **Psicologia & Sociedade**, 31, e191231, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31191231>. Acesso em: 20 mar. 2024.

NATÁLIA, Livia. Intelectuais escrevintes: enegrecendo os estudos literários. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

OBERG, Lurdes Perez. O conceito de comunidade: problematizações a partir da psicologia comunitária. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 709-728,

2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/38820/27700>. Acesso em: 12 nov. 2024.

OLIVEIRA, Luciana Xavier. A gênese do samba-rock: por um mapeamento genealógico do gênero. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE, 9., Salvador. **Anais...** Salvador: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/R0538-1.pdf>. Acesso em 23 dez. 2024.

OLIVEIRA, Milena Jorge; GONZAGA, Domitila Shizue Kawakami; GUANAES-LORENZI, Carla. Contributions of fictional narrative research to psychological research with stigmatized populations. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 33, e3321, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3321>. Acesso em: 19 ago. 2024.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Oralidades e inscrições psíquicas: identidade negra e psicologia do racismo. In: OLIVEIRA, Luiza Rodrigues; SILVA, Aline Gomes; PENNA, William Pereira. **Epistemes negras**: oralidades, subjetividades e corporeidades em escritas. Rio de Janeiro: Via Verita, 2023. p. 255-277.

PAIVA, Raquel. Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto. **Matrizes**, Universidade de São Paulo São Paulo, v. 6, n. 1, p. 63-75, julho-diciembre 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1430/143024819005.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2024.

PASSOS, Rachel Gouveia. **"Na mira do fuzil"**: a saúde mental das mulheres negras em questão. São Paulo: Hucitec, 2023.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2019.

PRADO, Guilherme Augusto Souza; LIMA, Carla Fernanda; XAVIER, Monalisa Pontes. A clínica política: experimentação e produção de vida. **Mnemosine**, v. 15, n. 2, p. 34-52, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/48314/32242>. Acesso em: 30 abr. 2024.

QUEIRÓZ, Verônica Santana; ARAUJO, G. Davino. Branquitude, racismo e psicologia clínica: críticas para a construção de uma clínica antirracista. **Revista da ABPN**, v. 15, n. 43, jan.-fev. 2024. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1616>. Acesso em: 17 nov. 2024.

QUEIRÓZ, Daisy; TEDESCO, Silvia. Cartografia da criação de metodologia para formação profissional na atenção psicossocial às(aos) afetadas(os) pela violência de Estado. In: FRANÇOZO, Olívia Morgado. **Clínica política**: a experiência do Centro de Estudos em Reparação Psíquica Lá em Acari. 1. ed. Rio de Janeiro: Equipe Clínico Política / Instituto de Estudos da Religião (ISER), 2018. Disponível em: https://www.iser.org.br/wp-content/uploads/2020/08/clinicapolitica_livro_20set.pdf. Acesso em: 5 dez. 2024.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

ROCHA, Tatiana Gomes. Discutindo o conceito de comunidade na psicologia para além da perspectiva identitária. **Global Journal of Community Psychology Practice**, v. 3, n. 4, December 2012. Disponível em: <https://www.gjcnp.org/pdfs/2012-Lisboa-063.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2024.

RODRIGUES, Luciana. Negra de pele clara: embranquecimento e afirmação da negritude no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 2, e74733, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/nRQkM4Vs7WSVX4TF6tdxhBt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 24 abr. 2024.

SHARPE, Christina. **No vestígio: negritude e existência**. Trad. Jess Oliveira. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SOARES, Rafaela. Mulheres têm mais diploma na universidade e vão mais à escola do que os homens, diz IBGE. **R7**, Educação, Brasília, 8 mar. 2024. Disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/mulheres-tem-mais-diploma-na-universidade-e-vao-mais-a-escola-do-que-os-homens-diz-ibge-08032024/>. Acesso em 30 out. 2024.

SOUSA-DUARTE, Fernanda; MORAIS, Ana Paula. Uma psicanálise negra: desobediências ontológicas e epistêmicas de psicólogas e psicanalistas racializadas. **Psicologia & Sociedade**, v. 36, e276395, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2024v36276395>. Acesso em: 19 ago. 2024.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VEIGA, Lucas Mota. **Clínica do impossível: linhas de fuga e de cura**. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

VEIGA, Lucas Mota. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. spe, p. 244-248, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/2900. Acesso em: 19 ago. 2024.

VIEIRA, Gustavo; DIAN, Mauricio de Oliveira. Impacto e crescimento da internet nos últimos anos. **Interface Tecnológica**, v. 20, n. 1, p. 122-13, 2023. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/1656/891>. Acesso em: 30 nov. 2024.

WALCYR, Luiz. Imagem de crianças chorando morte de adolescente na cidade de Deus causa comoção. **96.5 Tupi FM**, 9 ago. 2023. Disponível em: <https://www.tupi.fm/rio/imagem-de-criancas-chorando-morte-de-adolescente-na-cidade-de-deus-causa-comocao/>. Acesso em: 10 set. 2024.